

OS FILHOS

ABADON

José Wilson Barbosa de Sales

Curso de Comunicação Social - FAFICH

O homem ia pela estrada. Tinha de chegar no campo de aviação que ficava do outro lado do rio. Andava depressa apertando o filho de dez meses no peito suado e seguido pela filha de onze anos que a custo conseguia acompanhá-lo. De vez em quando ela dava uma corridinha e se punha de novo ao lado do pai. O homem não dizia nada e parecia que os seus lábios tinham se colado um no outro. Ele tinha os lábios grossos e rachados. A menina queria conversar, mas assim que se punha ao lado do pai e erguia a cabeça para dizer a primeira palavra via-se de novo para trás e tinha de correr para alcançá-lo. Até que desistiu e seguiu atrás dele, olhando o rosto do irmão recostado no seu ombro, a chupeta na boca, a baba escorrendo pelo queixo, a carinha suja e mirrada.

Chegaram na beira do rio e o canoeiro cumprimentou o homem com respeito. Entraram na canoa e o do colo acordou chorando. O homem não sabia o que fazer com o pequeno. Olhava a filha que havia sentado do outro lado com a trouxa de roupa no colo. A canoa bambeava de um lado para outro e ele se sentia sem jeito para se mexer. O pequeno continuava a esgoelar até que a filha pediu:

— Me dá ele, pai.

O homem hesitou um pouco, olhou o rosto do pequeno e sem dizer palavra entregou-o à filha. Ela fuçou na trouxa, tirou uma garrafinha com um líquido amarelo e pôs na boca do

irmão, que começou a chupar com vontade. O homem sorriu e assim ficou um longo tempo, até que olhando o rosto da filha deu com duas lágrimas escorrendo. Tossiu, abaixou os olhos, olhou aquela imensidão de água e arriscou sem muita convicção:

— É melhor assim, filha...

A menina alisava os cabelos do irmão e as suas lágrimas iam pingando na própria mão. O homem continuou a olhar as águas do rio e repetiu:

— É melhor assim...

A voz lhe escorregava pelos lábios.

A menina olhou o pai, que tinha os olhos parados nas águas. Achou que ele ia chorar, teve vergonha e ficou olhando o rio também.

O irmão tinha acabado de mamar e dormia de novo no embalo da canoa. A água do rio era escura e ela lembrou da imagem de Nossa Senhora Aparecida que tinha no quarto da mãe. O canoeiro disse qualquer coisa e não houve resposta. Evitou lembrar da mãe, mas do fundo das águas a imagem da santa surgia no quarto da mãe. Não conseguiu evitar, e a visão da morta no caixão lhe veio mais viva do que nunca. Desviou os olhos do rio e deu com os do pai. Abaixaram os olhos ao mesmo tempo e ela lembrou do pai sentado na tora de braúna do terreiro picando fumo para o cigarro e chorando. Não sabia o porquê, mas sempre tinha vergonha de vê-lo chorar.

O canoeiro anunciou que estavam chegando. O homem levantou-se achando que estava na hora de saltar e a canoa bambeou, quase virando. O canoeiro riu com o susto:

— Opa! Quase afoga gente!

O homem também riu amarelo e desconcertado. O susto pareceu acordá-lo.

Chegaram do outro lado. O pai pagou o canoeiro e pediu para levar o filho. Ela disse:

— Pode deixar que eu levo, senão ele vai acordar.

Agora era ele que tinha de andar devagar para acompanhar a filha. Ia atrás olhando o filho dormindo no ombro da menina. Ele dormia de olho aberto e o pai achou que o filho se parecia com ele. O andar da filha era o da mãe.

Entraram na cidade. O campo de aviação ficava a meia légua do fim da rua direita. Achou que a menina estava andando muito devagar, tomou o menino, que acordou e começou a chorar. A menina fazia macaquices para entretê-lo. O menino achava graça das brincadeiras da irmã e ria saltitando e chutando o peito do pai.

Acertou o passo e cruzou a cidade com o menino sempre rindo das brincadeiras da irmã. Na estrada o pequeno cansou-se e debruçou de novo a cabeça no seu ombro.

Chegaram ao lugar marcado. Olhou em volta e não viu quem procurava. Perguntou se dona Cleunice já tinha chegado. Disseram-lhe que ainda não, mas ele a viu sair de um carro junto com uma outra de óculos escuros. Cumprimentou a mulher. Era gorda e usava um vestido muito estampado.

— Aqui estão as crianças.

A mulher apertou a bochecha do menino, que choramingou estranhando. A outra disse que gracinha e ficou alisando os cachos dos cabelos dele.

— Como se chama? — perguntou a gorda.

— Gabriel, dona Cleunice.

— E ela?

— Judite — gaguejou.

— Nomes bonitos — a de óculos escuros disse.

— Fico com ela. Está mais grandinha — disse a gorda, enquanto a outra brincava com o menino, que resmungava.

Ficou um tempão abobado olhando a cara vermelha da mulher. Depois, meio sem jeito perguntou:

— E ele?

— É muito pequeno. Dá trabalho demais.

— Mas eu não tenho condições. A mãe deles morreu.

A gorda sacudiu os ombros:

— O que que eu posso fazer?

Ele ia insistir de novo quando a de óculos escuros atalhou:

— Deixa. A gente dá um jeito.

Ele sorriu agradecido:

— Obrigado, dona.

— Quando vai lá para acertar os papéis? — perguntou a gorda.

— No fim do mês. Se Deus quiser.

O helicóptero já havia pousado no campo e só estava esperando por elas. A gorda estendeu a mão:

— Então, seu Geraldo, até o fim do mês.

— Até, dona Cleunice. Deus lhe pague.

Entregou o pequeno para a de óculos. O menino berrava esperneando. Olhou a filha estática como que fincada no chão, a mão da gorda apoiada no seu ombro e ela encolhida parecendo querer sumir dentro do próprio corpo. A voz tornou escorrer pela boca:

— Adeus, filha...

Não soube se houve resposta. Virou as costas e caminhou duro, sem saber para onde, mas sabendo ser necessário não olhar para trás.